

Marialice Mencarini Foracchi: uma Sociologia do protagonismo social.

Tatiana Gomes Martins*

Você é contra a juventude? Esse é o título de um artigo de Marialice Mencarini Foracchi publicado na *Revista Claudia* no ano de 1968, conhecido como paradigma de transformação cultural e comportamental¹. Nesse quadro de ascensão e forte pressão dos movimentos sociais tem-se a presença marcante da juventude que passou a ser alvo de julgamentos e interpretações vindos de diversos setores da sociedade, justificando, em certa medida, a publicação do artigo na revista. Provocativo, o texto desmistifica a ideia da mobilização da juventude como mera “rebeldia” ou “conflito de gerações”, associando o movimento ao quadro de crise vivido pela sociedade brasileira e à ascensão da chamada *nova classe média*. Desse modo, a socióloga põe em discussão três aspectos essenciais da questão: a) dialoga diretamente com os argumentos que circulavam entre setores tradicionais e conservadores, inclusive na própria Universidade; b) define o movimento estudantil como força e como expressão das desigualdades sociais; c) chama a sociedade brasileira à responsabilidade pela situação conflitante em que esses jovens se encontram. Essa forma de construção analítica é uma característica de Marialice Mencarini Foracchi, levada à cabo pela busca constante por uma compreensão totalizante que permeou o conjunto de seus trabalhos e que resultou em uma rica interpretação sociológica da juventude e do estudante universitário cujo valor é reconhecido até os dias de hoje.

A temática da Juventude e do Estudante Universitário compõe uma particularidade da produção intelectual da socióloga considerada clássica que muito se deve a essa forma de construir e mobilizar sociologicamente o objeto de análise. O estudo em destaque corresponde à Tese de Doutorado de Foracchi, defendida no ano de 1964 e publicada em 1965. Nela, as concepções de *família*, *classe social*, *trabalho*, *socialização*, *ideologia*, *mobilidade social*, entre outras, são articuladas conferindo originalidade à interpretação do alcance social e político do movimento estudantil

* Mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (2002), Doutorado em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp (2008) e Pós-Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas.

¹ CARDOSO, Irene. (2005). A geração de 1968: o peso de uma herança. *Tempo Social*, v.17, n.2, Nov.

universitário no início dos anos 1960 e no pós-1968. Além disso, a análise acompanha e enfrenta tensões fundamentais da sociedade brasileira do período, como aquelas que antecedem o Golpe de 1964 e as que se desdobram ao endurecimento do Regime Militar, no final dos anos 1960, o que expressa o interesse da autora em desvendar não apenas o protagonismo, mas, também, o potencial político de transformação social do estudante universitário. Esse interesse pela temática do protagonismo político-social já antecipa a ênfase posterior sobre temática dos Movimentos Sociais que – apesar de incompleta em função da morte prematura da autora – já se releva nas propostas e ementas dos cursos organizados pela autora sobre o tema². Essa tendência também põe em evidência a maneira pela qual a obra da autora acompanhou as mudanças sociais pelas quais passava a sociedade brasileira no pós-1968, sobretudo com o papel que passam a desempenhar os movimentos sociais³.

Antes disso, outro aspecto da produção intelectual da autora que merece destaque é sua adesão à temática da Educação. Essa vinculação já está colocada tão logo concluída sua Graduação em Ciências Sociais, momento em que participa como Assistente na Cadeira de História e Filosofia da Educação (1953-1954). Contudo, será na Cadeira de Sociologia I que Marialice se debruçará sobre a pesquisa a respeito dos estudantes universitários e que culminará em sua tese de Doutorado e de Livre-Docência⁴. A partir daí, se insere de forma particular no contexto de investigação sobre o encaminhamento da “Revolução Burguesa” no Brasil que era característico das pesquisas realizadas ali – sobretudo no que diziam respeito à compreensão dos principais agentes desse processo. Nesse sentido, seus estudos são parte de um movimento tomado por essas pesquisas que operavam, inicialmente, na lógica de uma *Sociologia Aplicada*, com forte inclinação mannheimiana, e que, mais tarde, passaram a

² Essa documentação está disponível no acervo da Socióloga que compõe o Projeto Memória da Faculdade de Filosofia da USP do CAPH (Centro de apoio à Pesquisa em História). Nele, podem-se encontrar 203 documentos correspondentes à trajetória da autora como pesquisadora e professora da Faculdade de Filosofia da USP, bem como alguns documentos pessoais doados por José de Souza Martins.

³ AUGUSTO, Maria Helena Oliva. (2005). Retomada de um legado intelectual: Marialice Foracchi e a Sociologia da Juventude. *Tempo Social*, v.17, n.2, nov.

⁴ FORACCHI, M.M. (1965) *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo, Companhia Editora Nacional e FORACCHI, M.M. (1972). *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo, Pioneira, respectivamente.

incorporar sistematicamente a perspectiva marxista em suas análises⁵. No caso de Marialice, essa tendência se expressa na instrumentalização das concepções de *classe*, *trabalho*, *alienação* e *ideologia* para análise do lugar do estudante universitário na estrutura social e no cenário de luta política⁶. Tais noções são articuladas às discussões teóricas sobre a particularidade da classe média a partir de uma chave weberiana⁷. Assim, a análise sobre o jovem estudante universitário se conecta às interpretações sobre o alcance e os limites do processo de modernização brasileiro, especificamente, a maneira pela qual esse ator social se relaciona com as permanências tradicionais e as potencialidades de transformação da realidade nacional. Sobre esses aspectos se assentam as pesquisas sobre a temática da Educação realizadas nesse contexto da Cadeira de Sociologia I, revelando uma forma particular de incorporação da temática nesses anos 1950/1960. Por isso, diante do reconhecido desinteresse da Sociologia pelo Tema que perdurou até recentemente, vale a pena chamar a atenção para esse fato⁸.

Nesse sentido, a obra de Marialice Mencarini Foracchi se destaca por sua singularidade e atualidade. Singularidade impressa na reconstrução do jovem e do estudante universitário como ator social e como categoria sociológica, tornando-se contribuição fundamental para a Sociologia da Educação e da Juventude⁹. Em 1982, quando da Apresentação do livro *Participação Social dos Excluídos* que ele mesmo organizara postumamente, José de Souza Martins destaca o olhar da socióloga para os marginalizados e sua luta política, bem como o legado desse enfoque para a Sociologia e para a Sociedade¹⁰. Contudo, esse aspecto também é revelador da atualidade de sua contribuição. Considerando o fato de termos hoje (03/12/2015), no Estado de São Paulo, cerca de 200 escolas ocupadas por estudantes que lutam contra seu fechamento no estado de São Paulo, não se pode deixar de observar a importância de compreendermos a juventude e os estudantes como força social particular em um contexto político-social inclusivo, tal como Foracchi se dedicou ao longo de sua trajetória acadêmica. Por fim,

⁵ Ver ROMÃO, W.M. 2006. *Sociologia e política acadêmica nos anos 1960: a experiência do Cesit*. São Paulo, Humanitas.

⁶ Para isso, além de Marx, Foracchi mobiliza autores como Lukács e Marcuse.

⁷ Dentre os autores citados pela socióloga, vale destacar David Lockwood e Wright Mills.

⁸ Sobre as relações entre Sociologia e Educação consultar: SILVA, Graziella Moraes Dias. (2002). *Sociologia da Sociologia da Educação: caminhos e desafios de uma Policy Science no Brasil (1920-1979)*.

⁹ AUGUSTO, Maria Helena Oliva, *op. cit.*

¹⁰ Não por um acaso, define o livro como uma “biografia intelectual” da autora. MARTINS, José de Souza. Apresentação. In: FORACCHI, Marialice Mencarini. (1982). *Participação Social dos Excluídos*. São Paulo, HUCITEC;

vale ressaltar que retomar e reconhecer Foracchi como grande intérprete da sociedade brasileira significa dar voz à presença, também marginalizada, da mulher na Universidade, tornando-se, além de um reconhecimento acadêmico, um ato político.